

O alienado e o laço que não o toca: Psicose e laços sociais

Uma visita à psicose em Freud

É na histeria e na neurose obsessiva, tal qual a do Homem dos ratos, que Sigmund Freud - o pai da Psicanálise - vai ter mais ascensão. Contudo, é imprescindível falar que Freud - não da mesma maneira que trabalhou as neuroses – também se debruçou nas psicoses, sendo elas a paranoia e esquizofrenia – que compõe o quadro da estrutura psicótica. Em seu ensino, a paranoia teve uma certa predominância em relação à esquizofrenia (Lacan,1998).

Logo no começo de suas trocas de cartas com Fliess, para ser mais exato, em 24 de janeiro de 1895, é possível ver que considerava a paranoia como uma neurose de defesa, cujo mecanismo principal era a projeção. Tal projeção se dava contra uma pulsão homossexual que era impossibilitada de ser aceita ou até mesmo sublimada pelo sujeito, como pôde ser visto em Schreber, caso que Freud mais se debruçou no que diz respeito às psicoses (Freire, 1998). Tal ideia pode ser entendida no delírio paranoico, onde pela via de uma espécie de inversões, como um jogo de linguagem, o sujeito poderia lidar com o conflito homossexual presente em sua psique. Afirma Lacan:

A primeira maneira de negar isso é a dizer – *não sou eu que o ama, é ela*, meu cônjuge, meu duplo. A segunda é dizer – não é ele que eu amo, é ela, meu cônjuge, meu duplo. A segunda é dizer – não é ele que eu amo, é ela. Nesse nível a defesa não é suficiente para o sujeito paranoico, o

disfarce não é suficiente, ele pode ser atingindo, é preciso que a projeção entre em jogo. Terceira possibilidade – *eu não o amo, eu o odeio*. Aí tampouco a inversão não é suficiente, é ao menos o que diz Freud, e é preciso também que intervenha o mecanismo de projeção, a saber – ele me odeia. E aí estamos no delírio de perseguição (Lacan, 1998, p.54).

Tal ideia foi muito bem trabalhada no seu artigo: “O caso Schreber (1911)”, que por sinal, é um dos grandes casos de psicose da literatura, junto talvez de James Joyce, caso analisado por Lacan. Três anos após essa publicação, Freud (2010) publica “Sobre o narcisismo: uma introdução”. Nesse artigo é trabalhada não só a paranoia, mas também a esquizofrenia. Ele adota uma nova ideia no que diz respeito à sua formação, mas sem excluir a ideia anterior.

Nessa nova concepção, a ideia de uma libido que permanece presa ao narcisismo primário e não alcança um narcisismo secundário, isto é, o investimento pulsional do indivíduo permanece tendo como alvo o seu Eu, ficando impossibilitado de um investimento no outro (Freire, 1998).

Para Freud, todos passam pelo narcisismo primário e, sem dúvida, é afirmado por ele que é necessário para a sua constituição psíquica saudável. Ele afirma, ainda nesse texto, que o ser humano investe originalmente em dois objetos sexuais, ele mesmo e a mulher que cuida dele. Tendo em vista o segundo objeto citado, é possível afirmar que “a mulher que cuida dele” caracteriza o narcisismo secundário por ser um investimento que não se refere ao seu Eu (Freire, 1998).

Avancemos. Com o que já foi afirmado, é possível compreender que, para Freud, diferente da psiquiatria da época, a psicose não era uma simples desordem orgânica que acometia o sujeito. Já com esses dois princípios metapsicológicos da projeção de uma pulsão homossexual e um não investimento libidinal no outro, os delírios e as alucinações

– fenômenos muito comuns, mas não exclusivos da psicose – começam a ganhar outro status.

É em 1915 que, em seu artigo “O inconsciente” teremos melhores esclarecimentos sobre a questão da tentativa de reconstrução e restabelecimento por meio do delírio. Porém, é com o surgimento da segunda tópica – Eu, SuperEu e Isso – que a psicose vai começar a deixar de ser compreendida como uma defesa neurótica - tal qual o termo repressão que é designado para as neuroses para de ser utilizado com as psicoses - para ganhar o seu próprio mecanismo (Freire, 1998).

Na neurose um fragmento da realidade é evitado por um tipo de fuga, diferente da psicose, que é remodelado. Freud (2011) nos mostra que há, na psicose, algo que é repudiado, diferente da neurose que só ignora. O termo utilizado por Freud para se referir ao repúdio da realidade é o *Verwerfung* (Freire, 1998). Essa recusa da realidade vai ser devido ao encontro com a castração. É na trama edípica, em conjunto com a castração, que Freud vai encontrar o maior marco da psicose em seu ensino.

Mesmo com esses avanços, Freud não possuía uma clínica com psicóticos. Ele afirmava que, pela impossibilidade do psicótico investir no outro, não poderia haver uma relação transferencial entre analista e analisando. Contudo, nunca desmotivou seus seguidores, muito pelo contrário, abriu possibilidades para avanços no tratamento, porém, sempre pregando cautela. É no Sul da França, que um médico parisiense vai reler Freud e possibilitar grandes avanços na teoria.

Do Édipo a algo que fica do lado de fora

Lacan, em seu retorno a Freud, vai encontrar o que é necessário para dar mais um passo no que concerne à clínica das psicoses. Quando se depara com o termo: rejeição (*Verwerfung*), utilizado por Freud para designar um mecanismo psicótico, ele vai buscar no vocabulário jurídico francês a palavra *forclusion* – equivalente a *Verwerfung* freudiana -, para explicitar melhor o que antes Freud já tinha dito.

Quando se afirma que um processo jurídico está *forclos*, é equivalente a dizer que não se pode apelar por se ter perdido o prazo legal. Um processo *forclos* é um processo acabado legalmente e inexistente, que vale em termos jurídicos em português à prescrição, que é toda a exclusão de um direito ou de uma faculdade que não foi utilizada em tempo útil. A forclusão não é simplesmente uma tradução do termo francês, é, antes de tudo, uma interpretação, portanto, remete à noção da lei e de sua abolição (Quinet, 2014).

Tomando isso como ideia, o termo forclusão passa a designar que não há uma inclusão de um significante da lei – significante esse que será melhor trabalhado mais tarde -, que fica fora do circuito psíquico, contudo, não deixa de existir (Quinet, 2014). É com esse pensamento que Lacan afirma, em seu terceiro seminário, que o que está forcluído do simbólico retorna no real (Lacan, 1998).

A castração é uma das condições estruturantes do sujeito da psicanálise. Nela há a aparição de um significante que poderá servir de amarração e referência para todos os outros significantes e que será chamado de Nome-do-Pai por Lacan (Quinet, 2014). É importante salientar que não é um significante particular. Ele “só é significante primordial na medida em que, num dado momento, vem ocupar um lugar de destaque” (Dor, 1991, p.99).

Tal significante é introduzido na castração em conjunto com a relação edípica pela função paterna. No campo psicanalítico a função paterna não precisa ser ocupada por um sexo ou gênero específico, e sim a relação que o agente castrador possui com o sujeito a ser castrado (Dor, 1991). Tal relação gira em torno da frustração, da interdição do incesto, como diz Dor (1991): “(...) à castração, a falta que ela interpela é uma falta simbólica, na medida em que ela remete à interdição do incesto, que é a referência simbólica por excelência.” (p. 83).

O fora-do-discurso

Não há tratamento que não seja operado por um dos quatro discursos, ou seja, pelo laço social. Esses laços são regidos simbolicamente pelo significante Nome-do-Pai (Lacan, 1992). Portanto, é imprescindível saber – e como foi afirmado - que o psicótico não partilha do significante do Nome-do-pai, sendo assim, levado ao estatuto de Fora-do-Discurso.

Os laços sociais são formações discursivas que permitem a metabolização e a colonização do gozo. Os discursos como laços sociais são formas de tratamento do real do gozo pelo simbólico, já que são estruturados por um significante que permite o acesso ao simbólico. É um tratamento civilizatório que delinea e regula as relações dos homens entre si, que são feitas de libido e tecidas de linguagem (Quinet, 2006).

É importante se ater na diferenciação de estar fora do discurso e estar fora da sociedade, o que não quer dizer que de certa forma o psicótico esteja fora dos dois. O primeiro termo diz respeito ao sujeito em relação ao significante derivado do complexo de Édipo, uma relação de indivíduo e linguagem; já o segundo diz respeito à relação do indivíduo com seus pares sociais e a *pólis*. Diz sobre o sujeito de direito, enquanto o primeiro diz sobre o sujeito da psicanálise.

Há também um avesso dos discursos com um todo que é o avesso ao laço social estabelecido, que é representado pelo psicótico. Ele é esse fora que nos remete ao fato de que os neuróticos estão presos aos discursos. Nesse sentido ele é livre dos discursos estabelecidos. Isso quer dizer que há uma impossibilidade real relativa a seu gozo, real a ponto de fazê-lo entrar na circulação dos laços sociais (Quinet, 2006).

Da mesma forma que Freud deixou um ponto sem nó na teoria da psicose na psicanálise, Lacan também não amarrou seu cordão no final do seu ensino no que também diz respeito a psicose. Este trabalho se propõe a debater o laço social nessa estrutura tendo além do respaldo da teoria, alguns casos que elucidam a problemática.

Método

A pesquisa foi efetuada em um hospital psiquiátrico de referência, onde houve o acompanhamento do atendimento de oito pacientes que estavam internados. Tudo foi realizado com um consentimento prévio de todos, sendo questionados antes do atendimento começar se eles se incomodariam com a presença dos pesquisadores e se poderiam assinar o termo de consentimento. Todos assinaram. Os pacientes foram escolhidos previamente pelo profissional de psicologia que os acompanha, tendo como alguns critérios básicos para a seleção o ordenamento discursivo, ter um alto índice de retorno ao hospital (uma vez internado, o usuário passa a ter um prontuário para caso retorne futuramente existam melhores informações sobre ele) e não estar em crise. Foi utilizado como instrumento o Diário de Bordo. Diário de Bordo são anotações no qual o pesquisador registra as etapas que realiza no desenvolvimento de sua pesquisa. Este relato deve ser detalhado, indicando datas, locais de todos os fatos, passos, falas importantes, teorizações, reflexões, resultados e respectivas análises. Como o próprio nome diz, o Diário é um documento que foi preenchido ao longo de toda a pesquisa, trazendo as anotações, rascunhos, e qualquer ideia que possa ter surgido no decorrer do desenvolvimento do projeto (Moura, 2006). O método utilizado para execução da pesquisa foi o estudo de caso, que se configura como a utilização de dados qualitativos, retirados a partir de eventos reais, possuindo o objetivo de explicar ou descrever determinados fenômenos inseridos em seu próprio contexto. Tem como característica o

estudo detalhado e exaustivo de poucos, ou mesmo de um único objeto para fornecer conhecimentos profundos (Martins, 2008). Com as anotações em mãos, foram feitas as relações entre o que foi escutado/anotado e a teoria psicanalítica, que foi utilizada para o embasamento das articulações teóricas-empíricas.

Os atendimentos

De todos os atendimentos, um se destacou. Ele demonstrou uma maneira mais atípica da psicose transitar em meio aos laços sociais e merece uma maior atenção. De certa forma, ele conseguia transitar entre os signos neuróticos, por assim dizer. Como verão, não por muito tempo, mas conseguia.

Durante os atendimentos um deles afirmava que se chamava Água Fria, e quando demandado a responder algo sempre respondia com o tema relacionado a água fria. Em determinado momento chegou a pedir para escrever algo em um caderno presente na mesa e escreveu algumas linhas com as palavras: “Eu sou água fria”, dentre outras coisas. Ele não se referia a água fria como uma metáfora de um coração gelado ou até mesmo um estado de humor que estava passando, como um bom neurótico faria. Ele era literalmente água fria.

O delírio vai tentar, para o psicótico, restaurar e ocupar um espaço vazio de significação que foi demandado, mas que não existia. Ele se constrói em uma lógica metafórica, onde representará para o indivíduo algo que seja fundamental em sua psique. “O trabalho do delírio até a construção da metáfora delirante dirige-se no sentido de produzir um substituto do falo (...) e um substituto da lei” (Quinet, 2014, p. 45), ou seja, do Nome-do-Pai.

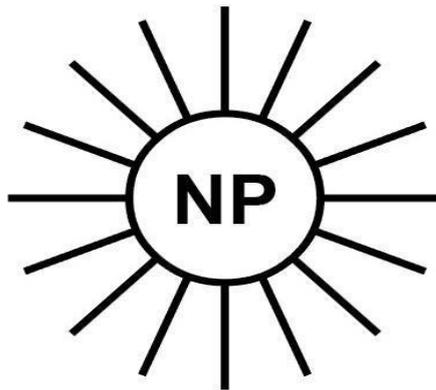
Como Freud e Lacan mostraram, o delírio e a alucinação terão uma importância fundamental na clínica das psicoses. Não mais serão apenas fenômenos de uma patologia onde devem ser calados e “curados”. Agora eles dizem algo e são passíveis de sentido.

Não um sentido de algo que se compreende por inteiro, mas algo que possa ser fruto de uma elaboração em conjunto na relação analista/analizando (Lacan, 1998).

Com isso, a psicanálise não se encarrega de uma possível “cura psicótica”, já que o desvelamento da constituição do delírio permite seu esclarecimento, mas não a sua suspensão. O delírio age como uma nova realidade (Quinet, 2014). Por isso que durante seu atendimento, em nenhum momento, foi posto a duvidar sobre se ele realmente era água fria.

Em outro atendimento, o paciente nada endereçava ao psicólogo. Ele permaneceu calado praticamente todo o processo e quase todas as suas respostas entravam no binário sim ou não. Isso nos lembra o que Freud – como dito no começo do texto – teorizou sobre a questão do investimento libidinal no que tange as psicoses. Ali há uma grande dificuldade de endereçamento pulsional ao outro e um rompimento bruto dos laços sociais.

Na neurose, há “ao menos um” que saberá lidar com a Demanda do Outro, logo, haverá um suposto saber direcionado para alguém, um saber que o ajudará nessa relação com o Outro. Isto se dá pela mediação do Nome-do-Pai que serve como ponto de “capiton” (Calligaris, 2013). “O pai, referência central do saber do sujeito, é suposto saber” (p. 29). Esse ponto é tido como um significante que amarra e serve de referência para todos os outros, como um Marco Zero, um ponto fixo que é utilizado como referência para marcar a distância para qualquer lugar do país, como segue no exemplo da imagem abaixo. Como na psicose não há tal referência, não há uma demanda dirigida para o Outro.



NP = Nome-do-Pai

Após o seu atendimento ele circulou bastante pelo pátio e gritava palavras como: “puta!”, “vadia!”. Isso se deu porque ele foi até o muro que divide a ala masculina e feminina. Lá, após olhar por uma brecha, possivelmente viu algo que o fez se sentir invadido. Como não há um agente regulador de gozo, ou seja, laço social que barre o gozo do Outro, ele se sentiu invadido, o que também acontece no seu atendimento, quando ele logo quer sair da sala e não suporta determinadas perguntas.

Voltando à problemática da Demanda na psicose, um dos pacientes pedia muito para ter alta, sempre afirmando que sabia que o psicólogo tinha o poder de fazer isso, dizia que ele tinha os papéis que tinham que ser assinados para ele sair de lá. De princípio poderia ser uma Demanda ao outro, contudo, no decorrer do atendimento era possível observar que não se tratava de uma Demanda dirigida ao outro, porque ali não havia dúvidas. Tudo se tratava de uma ideia que não era passível de furos, como acontece na neurose. Portanto não se tratava de um Demanda e sim de uma ideia delirante. Já outro deixava nítido que nada endereçava ao psicólogo. Muitas vezes falava sozinho durante o atendimento não direcionando a fala para ninguém.

O paciente de agora será nomeado de Pitágoras. Recebe esse nome um tanto que caricatural não por acaso, mas porque é graduando de matemática e sua relação com a

universidade vai ser fundamental para a reflexão da problemática da psicose e laço social. Ainda em seu atendimento, afirma que às vezes fica “de saco cheio” da universidade e que sempre tira nota baixa nas provas, mesmo se considerando melhor que os professores. Deixa claro que se sente perseguido por eles, que sempre fazem de tudo para que ele não consiga se sair bem nas provas, mas que isso não chega a afetá-lo, que não liga para o que eles fazem. Esse discurso poderia passar despercebido como mais uma queixa neurótica no cotidiano da clínica, se ele produzisse um sintoma como resposta. Contudo, após o início do período de avaliações ele andou por três dias seguidos, sem parar, em plena errância. Afirmou também que seu internamento naquele hospital psiquiátrico “era uma forma de recarregar as energias”.

Quando convocado a entrar no discurso universitário, proposto por Lacan no seminário 17, é impossibilitado, já que o significante primordial para a entrada no laço não está inscrito, fazendo com que seu corpo seja tomado por gozo. O laço social é um agente regulador de gozo e barra o Outro (Lacan, 1992). O fenômeno de andar por três dias seguidos pode ser tido por conta de uma falta de referência de significação para a convocação de uma posição de sujeito diante das provas. Calligaris (2013) afirma que o psicótico pode entrar em errância porque não há um ponto de amarração entre seus significantes, fazendo com que qualquer um possa vir a significar uma demanda do seu cotidiano.

É sempre bom se ater – como já foi comentado mas é preciso ratificar – que estar fora do laço social como conceito psicanalítico, ou seja, compartilhar de um significante que lhe coloca em uma dialética com o outro que gira em torno de agente e sujeito e serve como um regulador de gozo (Lacan, 1992), não quer dizer que, por exemplo, Pitágoras estivesse fora de um enlace social. Em grande parcela do seu tempo ele conseguia transitar entre os símbolos neuróticos e suportá-los, até que não aguentasse mais e precisasse, como ele mesmo fala, “recarregar as energias”.

Estamos diante de um caso que talvez possa ser chamado de privilegiado. Ele consegue notar que está sobrecarregado ou até mesmo impossibilitado de continuar seus afazeres cotidianos como a sua graduação. No próprio atendimento ele relatou que “por ele ficaria lá o tempo que fosse”, e que “não fazia questão de sair de lá”. Pode-se perceber que há uma dificuldade muito grande de suportar o laço neurótico, e que isso tem um preço. Seja ele andar por três dias seguidos em errância ou ter o seu corpo invadido por um gozo do Outro.

A falta do significante cujo a introdução é derivado da castração torna-se um tormento. Sem ele, a entrada no laço social torna-se, talvez, impossível, fazendo com que sua loucura não seja a compartilhada pelos neuróticos. Caso a caso demonstrado aqui, relatou uma dificuldade de enlaçamento com o outro, seja desde um não dirigir a fala para o psicólogo presente a não suportar os símbolos compostos pela sociedade.

No final das contas

O árido terreno da psicose pôde ser um pouco mais explorado por essa pesquisa. Dos casos apresentados, apenas um conseguiu, de forma branda, suportar o significante da castração. Pitágoras demonstrou que o psicótico pode transitar entre o laço social neurótico, mas que em determinado momento precisará “recarregar as energias”. Ele ensinou que sim, há laço na psicose, mas não social, já que não é compartilhado. Tal laço representa o ineditismo, algo totalmente novo é criado para tentar conviver socialmente, mas é frágil e logo será desatado.

Com todas essas formulações sobre a psicose, foi possível aprender e apreender que muito falta se saber sobre esse tema, e essas formulações aqui presentes são de todo um mar, um pingo de chuva. Em psicanálise, talvez os maiores professores que existam são aqueles que escutamos, como o Pitágoras, por exemplo. Foi aprendido que o laço na psicose diz respeito a uma não amarração com o social, ou melhor, com os neuróticos. Se

houver laço, não é social, e por isso ele desata tão facilmente, fazendo com que hajam altos índices de retornos aos hospitais psiquiátricos. O laço na psicose diz respeito a algo totalmente novo, trazendo uma nova questão para a psicanálise. Seriam os psicóticos aqueles que levam a singularidade mais a sério? Um questionamento que pede um prolongar de pesquisas e escutas. Sabe-se que Lacan ao decorrer de sua clínica avançou em alguns aspectos teóricos, tais quais o conceito de Real e os Nós. Contudo, esse trabalho não teve o intuito de trabalhar com tais conceitos, se limitando a sua primeira clínica.

Referências:

Freire, J. M. G. (1998). Uma reflexão sobre a psicose na teoria freudiana. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 1(1), 88-110.

de Souza, P. C. (2011). Sigmund Freud: Obras Completas Volume 16. O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925). Companhia das Letras.

Freud, S., & de Souza, P. C. (2010). Obras Completas: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Companhia das Letras.

Lacan, J. (1988). O Seminário—As psicoses, livro 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Quinet, A. (2014). *Teoria E Clínica Da Psicose*. Grupo Gen-Forense Universitária.

Dor, J. (1991). *O pai e sua função em psicanálise*. J. Zahar.

Calligaris. (2013). Introdução a uma clínica diferencial das psicoses. Zagodoni.

Quinet, A. (2006). *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranóia e melancolia*. Zahar.

Lacan, J. (1992). Seminário 17: O avesso da psicanálise. *Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1970*.

Moura, F. (2006). A utilização do Diário de Bordo na formação de professores. In *Proceedings of the 6th Psicanálise, Educação e Transmissão*.

Martins, G. D. A. (2008). Estudo de caso. *São Paulo: Atlas*.